

## **NARRATIVAS ORAIS: CONTRA-DISCURSOS À HOMOGENEIZAÇÃO**

**José Victor NETO**

Mestrando de Estudos Literários (UFPA)

**RESUMO:** Buscamos contribuir para as pesquisas científicas acerca da oralidade na Amazônia, quebrando com estigmas e mostrando que há, nessas narrativas, uma maior complexidade gerada pelo hibridismo de elementos provenientes do imaginário nordestino que se mesclam a elementos do imaginário local, criando um espaço único e complexo de difusão cultural subalterna, de caráter heterogêneo e inter-relacionado.

**PALAVRAS CHAVE:** Narrativas orais; Hibridismo; Heterogeneidade.

**ABSTRACT:** This paper inscribes itself in the scientific research on oral language in the Amazon region. It breaks up stigmas by showing that in local narratives there is a greater complexity engendered by hybridism of elements from the Brazilian Northeastern region imagery which blend into local elements, thus creating a unique and complex space for the cultural diffusion of tales in lower classes story telling. This cultural product presents at once heterogeneous and inter-related characteristics.

**KEY WORDS:** Oral narratives; Hybridisation; Heterogeneity.

A presente pesquisa, ainda em estado embrionário, surgiu de questionamentos decorrentes das pesquisas realizadas por ocasião de meu trabalho de conclusão de curso de graduação, intitulado *Memória insone: narrativas orais dos vigias de Castanhal*, orientado pela Prof.<sup>a</sup> Ms. Ana Alice de Melo Felizola. O referido trabalho discorre acerca da atividade narrativa empreendida por um grupo de vigilantes noturnos no centro da cidade de Castanhal, no Pará, à revelia do processo de extinção da arte narrativa proposto por Walter Benjamin em seu artigo *O Narrador* (BENJAMIN, 1985).

Durante a análise das narrativas coletadas entre os vigias de Castanhal, algumas surpresas foram surgindo, instigando a um maior

aprofundamento e a uma análise crítica da ocorrência, havendo também a necessidade de se observarem dados que transcendiam o campo da Teoria Literária, a exemplo de algumas pesquisas acerca da origem e da colonização deste município. Portanto, estaremos lançando mão não só de autores cujas teorias se enquadram nos limites da teoria literária, mas também nos serviremos de trabalhos teóricos que transitam entre a literatura e a antropologia, bem como nos serviremos de leituras auxiliares de outras áreas de conhecimento, a exemplo da História.

As narrativas orais coletadas junto aos vigilantes narradores da cidade de Castanhal apresentam características bastante diversas das narrativas comumente estudadas no Estado do Pará, contendo em seu corpus elementos que, segundo suspeitamos, migraram para cá trazidos pelos retirantes nordestinos, durante os ciclos da borracha. Um desses elementos, comumente encontrados na literatura popular nordestina e que, possivelmente, deixou marcas nas narrativas locais, diz respeito aos resquícios medievais, que ainda hoje sobrevivem na literatura de cordel e no imaginário nordestinos. Acerca dessa persistência, a Prof.<sup>a</sup> Jerusa Pires Ferreira, em seu livro *Cavalaria em cordel*, estuda as novelas de cavalaria que correm o Nordeste em forma de folheto, como uma forte evidência da conservação de um vasto repertório de procedência medieval no sertão brasileiro: “do confronto genético resultou o observar de uma atuação, que tipifica o poeta popular e uma verdadeira volta à Idade Média, à gesta e aos seus propósitos e andamentos.” (FERREIRA, 1993, p.116)

As narrativas coletadas durante a pesquisa de campo, que caracterizamos como pertencentes à Tradição Oral, foram coletadas durante as madrugadas de julho de 2004 no centro da cidade de Castanhal junto aos vigilantes noturnos daquela área, que mantém uma intensa atividade narrativa como forma de entretenimento durante a jornada de trabalho noturno. Entre estas narrativas, há uma grande quantidade de histórias em que figuram reis, rainhas, princesas, castelos, espadas e demais elementos pertencentes ao repertório medieval.

Outro elemento que faz remissão à literatura popular nordestina diz respeito ao catolicismo popular, em que figuras sobrenaturais do imaginário cristão convivem, nas narrativas, com as pessoas do mundo vivente:

Daí o grande número de folhetos que falam do diabo – o cão, como é geralmente chamado. Esse personagem não costuma ser exclusivamente a personificação do mal, mas um elemento que convive com as pessoas do povo. [...]. O demônio e alguns santos aparecem, por isso, com certa frequência, mas sempre revestidos de muitas características humanas. É mais ou menos isso que se chama de “catolicismo popular”. (LUYTEN, 1983, p.42-3, grifo do autor)

A ocorrência de um diabo apresentando características humanas e, ainda por cima fazendo o bem, em uma das narrativas coletadas, na qual este se disfarça de advogado e defende um pobre pintor injustiçado, que lhe pintara um retrato, caracteriza-se, pois, em um possível indício de permanência de resquícios culturais bastante comuns às narrativas populares nordestinas. Aliado a isso, temos também a presença massiva de heróis malandros protagonizando essas narrativas, geralmente vítimas de algum tipo de exclusão social – por serem pobres, loucos, bêbados ou caçulas de uma família com muitos irmãos – mas que conseguem sobreviver às adversidades e superar desafios através da esperteza, de modo bastante semelhante aos personagens “Chicó” e “João Grilo”, de *O Auto da Compadecida*, do escritor nordestino Ariano Suassuna. Tais ocorrências provavelmente tiveram suas raízes na colonização da cidade de Castanhal por nordestinos, em sua maioria cearenses, que se assentaram nesta região por ocasião do primeiro e do segundo ciclos da borracha, matéria prima que impulsionava a economia da região até o início do século XX. Esses migrantes, em busca de trabalho e fugindo das terríveis secas que assolaram o sertão nordestino, trabalharam também na construção da Estrada de Ferro de Bragança, que ligava a capital Belém à cidade de Bragança, passando também pela modesta povoação onde hoje está situada a cidade de Castanhal,

onde um grande contingente destes fixou residência. Acerca desse processo, nos fala Roberto Santos:

O braço externo de sustentação da atividade extrativa e agrícola foi, por excelência, o nordestino. Descontando-se os maranhenses, cujas ligações com o Pará remontavam ao período colonial, é provável que as imigrações tipicamente nordestinas hajam começado em fins da primeira década do século XIX, a partir da seca de 1808-1809, acentuando-se lentamente até os anos setenta. Muitas vezes, essa corrente migratória assumiu papel pioneiro no desbravamento de regiões da Amazônia [...]. Graças à notável contribuição demográfica nordestina, a população do norte do país teve o desenvolvimento excepcional que jamais voltaria a repetir-se até nossos dias [...]. No período de apenas 40 anos, de 1870 a 1910, ela subiu de 323.000 a 1.217.000 habitantes, quase quatro vezes. (SANTOS, 1980, p.97-98 e 109)

Esse imenso contingente de migrantes nordestinos não só impulsionou o crescimento demográfico da região, como também trouxe consigo todo um legado cultural, cujas marcas em nossa cultura ainda são bastante nítidas. Para tanto, destacamos a importância das narrativas orais nesse processo de consolidação cultural híbrida como difusoras de variadas práticas culturais, tais como crenças, festejos religiosos e profanos, culinária, etc; sobretudo pelo imenso repertório de narrativas de Tradição Oral, bem como pelos relatos pertencentes à História Oral, oriundos desses nordestinos migrantes, que ajudaram a compor o variado repertório narrativo da Amazônia, para o qual chamamos a atenção neste trabalho.

Sobre a expansão e eventual difusão da literatura oral nordestina na Amazônia, fala-nos Joseph M. Luyten, em seu livro *O Que é literatura popular*:

Houve dois acontecimentos, a partir do Segundo Império, que modificaram boa parte da cultura popular brasileira e, em particular, a poesia. [...]. Outro foi a grande expansão nordestina para todas as áreas amazônicas por ocasião do Ciclo da Borracha. Hoje em dia, pode-se dizer que todos os rios que correm para a Bacia Amazônica

são habitados por nordestinos e descendentes e, assim, temos a expressão poética regional nordestina em todas essas regiões. (LUYTEN, 1983, p.11)

Essa imensa migração nordestina, narrada por Luyten, foi a mesma que trouxe para a região de Castanhal uma imensa leva de nordestinos, o que, supomos, deixou tais resquícios ainda perceptíveis nas narrativas aqui coletadas.

As narrativas orais encontradas em Castanhal apresentam características bastante peculiares, como resultado de sua resignificação, apresentando em seu corpus elementos, supomos, oriundos do imaginário popular nordestino, agregados a elementos do imaginário local, caracterizando uma situação particular de hibridismo, visto que as narrativas orais analisadas não correspondem mais à matriz nordestina, nem tampouco se assemelham às narrativas orais encontradas em outras localidades do estado do Pará, onde a ocupação humana possa ter se dado de maneiras e em situações diversas às aqui diagnosticadas. Esse processo gerou, ou melhor, reconstruiu tais narrativas, constantemente reelaboradas pelo passar do tempo e pelas sucessivas narrações das mesmas, atravessando gerações e se reinventando na dinâmica social. O produto resultante desse processo são narrativas híbridas, trazendo em si elementos como personagens, tramas e intrigas bastante comuns ao imaginário popular do Nordeste brasileiro, mesclados às características da "cor local", como os espaços e ambientes amazônicos, os animais, objetos, expressões da linguagem local e demais elementos que nos remetem diretamente ao modo de vida dos habitantes da Amazônia Paraense. Tais elementos apresentam variações de intensidade nessas narrativas, o que não nos permitiria afirmar um padrão fechado para as narrativas orais da cidade de Castanhal, embora destaques a grande relevância da consideração desse hibridismo para analisar as mesmas e, por conseguinte, o fenômeno da identidade cultural em nosso município.

Muito se tem falado acerca de oralidade na Amazônia e, muitas vezes, o discurso sobre tais narrativas vem carregado de uma

homogeneização cultural que exclui ou omite a contribuição dos nordestinos para compor o repertório das narrativas orais na Amazônia. Por isso, estudos dessa natureza têm encontrado alguma resistência no meio acadêmico, quando pouquíssimos pesquisadores tem se debruçado acerca das migrações nordestinas ocorridas durante os ciclos da borracha, ou de seus efeitos e contribuições para a formação da cultura paraense. O Projeto IFNOPAP (O Imaginário nas Formas Narrativas Orais Populares da Amazônia Paraense) do Centro de Letras e Artes da UFPA, pioneiro nas pesquisas referentes à oralidade na Amazônia Paraense desde 1994, tem priorizado em suas pesquisas o trato com as narrativas orais de cunho mítico-lendário. Essa predileção por determinado tipo de narrativas orais tem levado a alguns equívocos por parte da comunidade acadêmica - sem generalizações- a partir da leitura superficial do material coletado, tais como a consolidação de um padrão de narrativa amazônica paraense, caracterizado pela presença de entidades míticas amazônicas, como a “Boiúna” (ou a cobra grande), a “Matinta Pereira”, o “Boto”, a “Caipóra”, etc. Tais interpretações tenderiam, por si só, à exclusão das narrativas que, porventura, não se “encaixem” neste modelo, bem como dão margem a argumentações equivocadas acerca de uma certa “pureza” da tradição oral amazônica, o que nos remete a uma concepção essencialista de cultura, como algo estanque e impassível de trocas e reelaborações.

O contraponto no que tange ao estudo da oralidade na Amazônia tem sido, sobretudo, o projeto “Rotas do Mito”, que em seus dois anos de atuação vem estudando as narrativas orais migrantes e a contribuição destas para a formação do repertório de narrativas orais e da cultura popular da Amazônia Paraense, em sua atual configuração. O projeto “Rotas do Mito”, coordenado pelo Prof. Dr. José Guilherme Fernandes, tem atentado em suas pesquisas tanto para as narrativas orais pertencentes à Tradição Oral, quanto para as narrativas pertencentes à História Oral, caracterizadas por relatos de experiências de viajantes migrantes, inaugurando uma nova perspectiva no estudo da oralidade na Amazônia, aliando-se aos

Estudos Literários, dados Históricos e Antropológicos, sobretudo acerca dos ciclos de migrações ocorridos na Amazônia Paraense ao longo da História de sua ocupação.

Considero a cultura, de modo geral e, sobretudo, as narrativas orais como produtos da interação humana, estando, pois, sujeitas a um constante processo de reelaboração e ressignificação, atestando seu caráter dinâmico e sua capacidade de mutação, o que permite sua vitalidade e permanência no seio das comunidades humanas. Nesse sentido, as narrativas orais têm sido uma maneira de trazer à tona a voz de grupos sociais ou comunidades da classe subalterna que não têm voz na indústria cultural moderna, mostrando não só que há uma sociedade dividida em classe hegemônica e subalterna, mas que nessa última há várias vozes diferenciadas, permeadas de discursos alicerçados sobre modos específicos “de conceber o mundo e a vida em contraste com a sociedade oficial” (GRAMSCI, 1978, p.190), o que nos leva a pensar a cultura dos subalternos não enquanto cultura popular, e sim como culturas populares, visto que há diferentes modos de inserção num sistema produtivo. (CHAUI, 1993, p.45)

Essa perspectiva é o que nos leva a questionar, a partir das narrativas orais de imigrantes nordestinos, o mito da cultura amazônica enquanto algo homogêneo, mostrando que esse território possui uma diversidade de produção cultural que também é fruto do seu processo de ocupação por diferentes grupos, caracterizando sua produção cultural, também, como fruto de um hibridismo resultante da inter-relação entre os vários grupos que compõem a Amazônia.

Os estudos culturais nos levam a ler as narrativas orais enquanto um produto cultural de um determinado grupo social, carregando em si os elementos e discursos característicos àquela comunidade, afirmando valores, traços específicos e demais artifícios que a caracterizam como produção cultural específica de um determinado grupo.

Segundo Homi K. Bhabha, em sua obra *O Local da cultura*, a narrativa da nação surge da liminaridade entre o discurso pedagógico

e os discursos performáticos, entendendo por discurso pedagógico o discurso essencialista, difundido por uma elite hegemônica, que se fez necessário para a constituição e manutenção da nação enquanto unidade e que se sobrepõe aos outros discursos enquanto discurso oficial, apoiado na idéia de uma origem única para a nação. Esse discurso está ligado aos interesses das classes dominantes, onde os discursos performativos das classes subalternas não têm voz nem vez, caracterizando, pois, uma “subtração na origem”, o que gera a homogeneização cultural através da omissão às contribuições das camadas subalternas da sociedade. Essa homogeneização é uma estratégia para buscar “a representação da territorialidade moderna da nação, que se transforma na temporalidade arcaica, atávica, do Tradicionalismo”. (BHABHA, 1998, p.211)

Buscar identificar essa subtração na origem, nos leva ao encontro das minorias que estão nessa subtração. O reaparecimento de tais minorias, e seus enunciados omitidos, teria a função de deslocar o discurso do “poder” e do “saber” que gera o esquecimento, produzindo uma perspectiva de significação subalterna sobre a origem da nação.

O estudo das narrativas orais do município de Castanhal pode, com efeito, contribuir para os estudos da oralidade na Amazônia Paraense, bem como quebrar com estímulos provenientes do discurso essencialista que prega um padrão homogêneo de cultura amazônica, visto que as narrativas orais, enquanto produto da comunicação humana e, portanto, tendo por excelência uma vocação discursiva, carregam em si os elementos das variadas vozes que compõem as camadas subalternas da população. Tal perspectiva deflagra um novo olhar acerca dessas narrativas, pois leva em consideração a heterogeneidade das mesmas, garantindo voz e vez aos excluídos e permitindo que estes recontem a história da nação a partir da perspectiva das camadas subalternas da sociedade, fazendo frente ao discurso homogeneizador da história oficial e criando um espaço único e complexo de difusão cultural subalterna, de caráter heterogêneo e inter-relacionado.

## REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- CHAUÍ, Marilena de Sousa. *Conformismo e Resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CHAUÍ, Marilena de Sousa. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras Falas*. São Paulo: Cortez, 1993.
- FERREIRA, Jerusa Pires. *Cavalaria em Cordel: o passo das águas Mortas*. 2. ed. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- GRAMSCI, Antonio. *Literatura e Vida Nacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- LUYTEN, Joseph M. *O Que é Literatura Popular?* São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SANTOS, Roberto de O. *História Econômica da Amazônia: 1800-1920*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1980.
- ZUMTHOR, Paul. *Introdução à Poesia Oral*. São Paulo: HUCITEC, 1997.